



O concreto Geraldo de Barros: "A criação fotográfica está intimamente ligada ao erro, ao acaso"

Profeta da Rolleyflex fez escola

As fotos de Geraldo de Barros provocaram uma revolução e revelam agora um discípulo, Vik Muniz

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Dois mostras fotográficas que serão abertas hoje na Galeria Camargo Vilaça unem artistas de diferentes gerações com a mesma vocação experimental diante da imagem impressa. Registrada de modo convencional, essa imagem é submetida a testes de laboratório ou passa pela construção de um modelo tridimensional. Respectivamente, são os casos do artista concreto Geraldo de Barros, 72 anos, e do jovem Vik Muniz, 34, radicado em Nova York.

Geraldo de Barros foi o profeta da Rolleyflex, ao mostrar essas mesmas *Fotoformas* há 45 anos, no Masp. A exposição tenta recriar até os suportes desenvolvidos pela arquiteta Lina Bo Bardi para sustentar fotos revolucionárias que anunciavam não só projetos futuros do próprio Geraldo como de outros artistas. Tudo o que o manifesto de seu grupo Ruptura defenderia anos mais tarde já havia sido colocado em prática nessa mostra.

Baracos num paredão de cimento no Tatuapé viram olhos de uma menina, numa reflexão sobre o ruído pré-verbal dos bonecos de Paul Klee. A sombra de uma janela cria a demonstração do expansionismo geométrico de Albers. Um

ordinário cartão do mais ancestral dos computadores vira um *boogie-woogie* de Mondrian. A história da arte moderna está sintetizada nessa mostra resumida de 27 fotos da exposição *Fotoformas*, que correu a Europa desde 1993 com uma centena de imagens do artista, da Suíça a Portugal, passando pela Alemanha.

Obviamente essas *fotoformas* são mais do que simples ilustrações do modernismo. Resultam do trabalho solitário de um estudante de ciências econômicas que pintava com remédios, antes de cortar, pintar, furar e riscar negativos de fotos, procedimento que chocava principalmente seus colegas fotógrafos.

Charles Favrod, diretor do Musée de l'Élysée, na Suíça, que mantém o acervo fotográfico de Geraldo de Barros, chama esses trabalhos de "fotos de pintor". Com efeito, sua obra fotográfica discutia justamente o problema da representação na pintura e as relações entre o real e o abstrato, no mesmo ano (1950) em que Charles Estienne perguntava ao mundo se a arte abstrata não era uma forma de academicismo. A obra de Geraldo de Barros responde a essa pergunta com o vigor do novo, descon-

truindo a imagem de vocação construtiva (a fotográfica). De um mesmo negativo surgem cinco, seis fotos diferentes. Nenhum acadêmico teria visto o mundo dessa forma.

Geraldo acredita que é no erro, na exploração e domínio do acaso, que reside a criação em fotografia.

Seguindo o exemplo do artista concreto, que utilizou técnicas de gravura (riscando negativos com ponta seca) para fazer surgir o novo, Vik Muniz faz referência à história da fotografia em sua mostra *Fotografias de Arame*. Mais particularmente, às conhecidas fotos de nuvens de Alfred Sieglitz. Outra referência natural é Calder. Vik constrói

objetos (torneiras, lâmpadas, sofás, malas) em arame, fotografa esses objetos com fundo neutro até que eles se transformem em traços de uma pureza duereriana. Resultado: o que era escultura vira foto e o que era fotografia vira desenho.



Foto feita nos anos 50: sombras de laboratório

SERVIÇO

Fotoformas - Exposição de Geraldo de Barros.

Fotografias de Arame - Exposição de Vik Muniz. Ambas na Galeria Camargo Vilaça (Rua Fradique Coutinho, 1.500, ☎210-7390).